

1. INTRODUÇÃO

Sarandi é um nome de origem tupi que significa arbusto de praias, terra estéril, terra maninha, ilhota pedregosa (TURISMO REGIONAL, 2010). Nome utilizado para designar popularmente várias espécies pertencentes às famílias *Combretaceae*, *Euphorbiaceae*, *Fabaceae*, *Rubiaceae* e *Sapotaceae*.

Encontradas nas beiras de rios, inclusive dentro deles, em locais rasos que possibilitem seu enraizamento, pois esta retira nutrientes diretamente da água, sobrevivendo assim em locais rochosos submersos.

Estas plantas são importantes para fixação de margens de rios, pois suportam inundações, correntezas fortes e fazem a contenção de barrancos, sendo também indicadas para a recomposição de florestas ribeirinhas. Algumas espécies são utilizadas como plantas medicinais (BACKES & IRGANG, 2002), e antigamente os indígenas utilizavam os ramos destes arbustos para fabricação de cestos resistentes.

A distribuição geográfica das espécies vegetais popularmente chamadas de *sarandi*, abrange Argentina, Paraguai, Uruguai e Região Sul do Brasil. As espécies vegetais conhecidas como *sarandi* não se concentram numa determinada área de vegetação. Estas são encontradas em nove regiões fitogeográficas diferentes do estado do Rio Grande do Sul.

Segundo Leite & Klein (1990), a vegetação do Rio Grande do Sul é classificada em florestal e não-florestal. Considera-se vegetação florestal aquela, ombrófila ou estacional, cujas formações são constituídas por comunidades arbóreas mais ou menos estáveis e compatíveis com o clima atual. São considerados como vegetação não-florestal todos os demais tipos de formações, que por diversas causas não alcançaram os níveis de desenvolvimento e organização tidos como em equilíbrio com o clima.

Os autores mencionados acima mostram na figura 1 um mapa que exhibe oito das nove regiões fitogeográficas do Rio Grande do Sul.

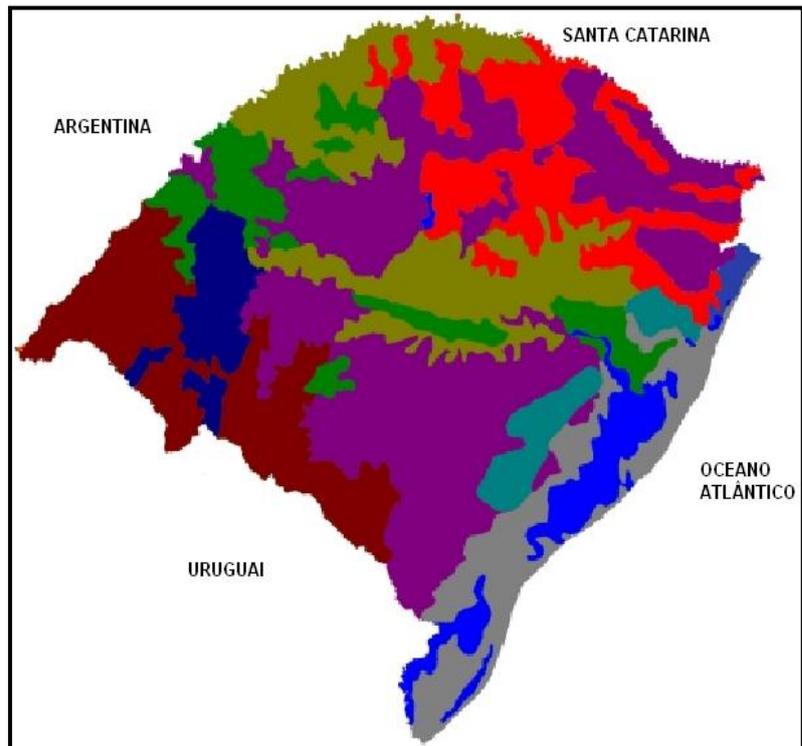


FIGURA 1: Mapa Fitogeográfico, adaptado de LEITE & KLEIN (1990).

Fonte: Universidade Federal de Santa Maria.

Legenda:	
■	Região da Savana
■	Formações Pioneiras
■	Floresta Ombrófila Mista
■	Floresta Estacional Decidual
■	Região da Estepe
■	Região da Savana Estépica
■	Floresta Estacional Semidecidual
■	Área de Tensão Ecológica

1.1. Regiões Fitogeográficas do Rio Grande do Sul

● Região da Savana (Cerrados e Campos)

Segundo Leite & Klein (1990) distingue-se, no Rio Grande do Sul, três formas de Savana: Arbórea Aberta, Parque e Gramíneo-lenhosa.

A Savana Arbórea Aberta concentra-se, principalmente, nos terrenos aplainados areníticos. São formações típicas de Savana (cerrado) constituindo disjunções ou áreas de contato com as regiões das florestas Mista e Estacional Semidecidual. Apresenta normalmente um estrato arbóreo-arbustivo esparso, perenifoliado. Estas áreas de Savana estão em franco extermínio em face da expansão da agricultura.

A Savana-Parque pode ter origem antrópica ou natural. A derivada do antropismo ocorre indiscriminadamente caracterizando o disclímax do fogo, instrumento de ação seletiva de espécies aplicado aos pastos naturais pelo homem. No Rio Grande do Sul, a Savana-Parque compreende uma faixa irregular estendida para leste de São Marcos, acompanhando à margem direita do Rio São Tomé.

A Savana Gramíneo-lenhosa tem expressão considerável no Sul do País, distribuindo-se, principalmente, no âmbito da região das Araucárias, cujas espécies características vão constituir-lhe as matas-de-galeria e capões.

● Áreas de Formações Pioneiras

Segundo Leite & Klein (1990), a expressão formação pioneira é usada para denominar o tipo de cobertura vegetal formado por espécies colonizadoras de ambientes novos, isto é, de áreas subtraídas naturalmente de outros ecossistemas ou surgidos em função da atuação recente ou atual dos agentes morfodinâmicas e pedogenéticos. As espécies, ditas pioneiras desempenham importante papel na preparação do meio à instalação subsequente de espécies mais exigentes ou menos adaptadas às condições de instabilidade ambiental.

Formações Pioneiras são formações vegetais ainda em fase de sucessão, com ecossistemas dependentes de fatores ecológicos instáveis. Assim, o equilíbrio ecológico dessas formações pode ser rompido naturalmente dentro de um tempo relativamente mais

curto do que o das áreas dependentes de fatores mais estáveis, como por exemplo, as constantes transformações do mangue pelo assoreamento fluviomarinho; a invasão das restingas pelas florestas, a rápida transformação dos campos de várzea assim que cessam as inundações periódicas (LEITE & KLEIN, 1990).

Leite & Klein (1990) falam ainda que quanto ao tipo de ambiente em que se desenvolvem, classificam-se, no Sul do Brasil, as Formações Pioneiras em dois grupos:

- As áreas de Formações Pioneiras de Influência Marinha são formações vegetais sob influência direta do mar distribuídas por terrenos arenosos do quaternário recente, geralmente com algum teor salino, sujeitos à intensa radiação solar e acentuada ação eólica;
- As áreas de Formações Pioneiras de Influência Fluvial se encontram em superfícies aplainadas e/ou plano-deprimidas por vezes, com inúmeras lagoas. Em geral são áreas sujeitas às inundações ou encharcamento, onde predomina uma Formação Pioneira de estrutura herbácea ou Gramíneo-lenhosa.

• **Região da Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucária)**

Reitz & Klein (1966), afirmam que a distribuição dos pinheirais no Rio Grande do Sul é essencialmente uma função de acidentação do terreno. Os pinheirais mais densos e expressivos ocorrem principalmente nos vales, na aba superior de todos os desfiladeiros profundos dos rios, bem como nos terrenos acidentados dos campos, sobretudo do planalto central e oriental. Segundo Rambo (1956), o pinheiro ocorre em toda a borda superior livre do planalto, a começar do norte de Santa Maria até o extremo nordeste; nos vales superiores e nas cabeceiras dos Rios Caí, Taquari, das Antas, Jacuí e Pelotas; em grupos isolados ou densas sociedades, nos capões disseminados por todo o planalto; em indivíduos solitários em pleno campo como se observa a leste de Cruz Alta; em mistura com a floresta virgem do Alto Uruguai, ao norte de Passo Fundo e Lagoa Vermelha.

Leite & Klein (1990) falam ainda que a concepção de Floresta Ombrófila Mista procede da ocorrência da mistura de floras de diferentes origens, definindo padrões fitofisionômicos típicos em zona climática pluvial. A área mais típica e representativa da Floresta Ombrófila Mista é aquela das altitudes superiores aos 800 m. Seu clima é o mais frio da região e com maiores índices de geadas noturnas. Caracteriza-se pela ausência de período

seco e ocorrência de longo período frio. O período quente anual é geralmente curto ou ausente. Na região de Floresta Ombrófila Mista é comum a ocorrência de campos. Nestes se verifica grande ocorrência de capões e bosques, muitas vezes com a presença de *Araucaria angustifolia*, denotando o lento processo de invasão das florestas nas áreas de campo. Muito comum nestes campos é a ocorrência de araucárias isoladas junto aos capões (SUDESUL, 1978).

● **Região da Floresta Estacional Decidual (Floresta Caducifólia)**

Segundo Leite & Klein (1990), esta região compreende as florestas das porções médias e superiores do vale do Rio Uruguai, da maior parte da vertente sul da Serra Geral e de diversas áreas dispersas pelas bacias dos Rios Ijuí, Jacuí e Ibicuí.

A ausência de espécies perenifoliadas põe em evidência o caráter estacional desta região, manifestado pela quase integral decidualidade da cobertura superior da floresta. Esta queda foliar, tão significativa durante a estação mais fria do ano, faz parte de um processo de hibernação, provavelmente acionado através de reações hormonais. Dentro da região, as espécies estão distribuídas muito irregularmente, selecionadas naturalmente, conforme a aptidão dos diversos ambientes.

Distinguem-se no Estado duas formações características de Floresta Estacional Decidual: a do Alto Uruguai e da Fralda da Serra Geral. Segundo Rambo (1956), a Floresta do Alto Uruguai começa no Rio Ijuí, desenvolve-se no extremo nordeste no maior núcleo de mata fechada do Estado e liga-se entre Passo Fundo e Lagoa Vermelha, ao longo dos afluentes do Taquari. Já a mata da Fralda da Serra se reduz a um cordão marginal no Rio Pelotas.

● **Região da Estepe (Campanha)**

De acordo com Veloso & Góes Filho (1982), no extremo meridional do Rio Grande do Sul (ao sul dos eixos aproximados Bagé - Rosário do Sul, Alegrete - São Borja) estendem-se amplas superfícies conservadas do Planalto da Campanha e da Depressão do Rio Ibicuí - Rio Negro.

Segundo Rambo (1956), a região das Estepes da Campanha compreende as fontes do Rio Negro, a vertente brasileira do Quaraí, toda a bacia sul e norte do Ibicuí até o pé da Serra Geral. Abrange os municípios de Livramento, Uruguaiana, Quaraí, Alegrete e Rosário do Sul, bem como parte de Bagé, Dom Pedrito e Itaqui.

Segundo Leite & Klein (1990), a região da Estepe no sul do Brasil não apresenta déficit pluviométrico, ou seja, chove normalmente durante o ano inteiro.

Os mesmos autores colocam que um aspecto marcante da fisionomia da Estepe é a grande uniformidade do relevo, que condiciona a formação de uma cobertura vegetal tipologicamente simples. Na sua imensa maioria, a Estepe compreende uma formação Gramíneo-lenhosa típica, desprovida de aglomerados arbustivo-arbóreo significativos. Estes, quando ocorrem, estão associados aos acidentes mais pronunciados do terreno e/ou aos micros ambientes mais bem dotados e/ou mais protegidos dos ventos.

Segundo Rambo (1956), as paisagens mais típicas estão no município de Quaraí, Alegrete e Uruguaiana. Já para Sudesul (1978), os campos da Campanha, localizados na porção meridional do Rio Grande do Sul, apresentam uma grande diversidade de formações locais.

● **Região da Savana Estépica (Campanha Gaúcha)**

Na região Sul, segundo Leite & Klein (1990), estas formações vegetais compreendem uma área de cerca de 10.000 km² distribuídas, aproximadamente, entre Santiago, Alegrete e Santana do Livramento, em plena zona da campanha Gaúcha, parcialmente encravada entre a Savana e a Estepe. Com tal disposição, a Savana Estépica forma uma cunha de direção norte-sul submetida aos mesmos parâmetros climáticos gerais da Savana e da Estepe circunvizinhas.

De acordo com os mesmos autores, estas formações vegetais estendem-se por terrenos fracamente dissecados, suave-ondulado a ondulados e derivados, principalmente dos arenitos Botucatu e Rosário do Sul.

Como acontece na região da Estepe, onde o inverno mostra-se excessivamente frio e o verão excepcionalmente quente, tem-se aqui, também, o fenômeno da dupla estacionalidade fisiológico-vegetativa.

O conceito geral da savana estépica está associado ao xeromorfismo. Em linhas gerais, a Savana Estépica compreende formações savanícolas com estrato lenhoso entremeado de plantas espinhosas, inclusive cactáceas.

● **Região da Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Semicaducifólia)**

Conforme Leite & Klein (1990), o Rio Grande do Sul abrange a vertente leste do Planalto Sul-Rio-Grandense e a parte leste da Depressão Central Gaúcha, onde também avança sobre terrenos circunvizinhos a Serra Geral e seus patamares. Portanto o fenômeno da semidecidualidade estacional é adotado como parâmetro identificador desta região por assumir importância fisionômica marcante, caracterizando o estrato superior da floresta. A queda parcial da folhagem da cobertura superior da floresta tem correlação, principalmente, com os parâmetros climáticos históricos ou atuais, característicos desta região. Segundo os mesmos autores, as formações vegetais desta região aproximam-se do tipo das florestas secas, cuja fisionomia é marcada pelo fenômeno da estacionalidade e semidecidualidade foliar. A queda foliar das espécies desta região atinge de 20 a 50% da cobertura vegetal superior da floresta.

Nesta área a intensidade do frio é apontada pelos autores como a causa do fenômeno da estacionalidade foliar. Estes autores afirmam também que no Rio Grande do Sul, a diferença entre Florestas Deciduais e Semidecíduais é dada pela ausência da grápia (*Apuleia leiocarpa*) e a presença de algumas espécies da Mata Atlântica na Floresta Semidecidual. A grápia é uma das grandes responsáveis pela fisionomia caducifólia deste tipo fitogeográfico.

● **Região da Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica)**

No Rio Grande do Sul ocorre desde o litoral norte nas proximidades de Osório, até os altos da Serra.

A diversificação ambiental resultante da interação de múltiplos fatores é um importante aspecto desta região fitogeográfica, com ponderável influência sobre a dispersão e crescimento da flora e da fauna que permite o desenvolvimento de várias formações, cada uma com inúmeras comunidades e associações, constituindo uma complexa e exuberante coleção de formas biológicas (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2010).

● Áreas de Tensão Ecológica (Contatos)

Leite & Klein (1990) falam também que as diversas regiões fitogeográficas nem sempre apresentam nítida individualização. De um modo geral, há uma gradual mudança florística evidenciada pelos diversos tipos de encraves e ecótonos (misturas), que caracterizam as faixas de contato inter-regionais.

Para Veloso *et. al.* (1991), são comunidades indiferenciadas onde as floras de duas ou mais regiões ecológicas ou tipos de vegetação se interpenetram.

1.2. Justificativa

O nome científico é o nome usado pelos cientistas para evitar confusão, já que ele vale para todo o mundo e cada nome aplica-se apenas a uma espécie. A grande semelhança existente entre alguns vegetais impôs a necessidade de se criar uma denominação específica (TODA BIOLOGIA, 2009).

O nome popular ou nome vulgar é o nome dado pela população, varia de acordo com a localidade. Uma mesma espécie pode apresentar múltiplas denominações populares e isto dificulta o seu estudo, pois nunca se teria certeza de estar tratando da mesma espécie (TARCÍSIO, 2009).

Tendo em vista a carência de dados relacionados à planta, além do fato dos existentes estarem dispersos e não terem sido tabulados se torna necessária uma revisão meticulosa destes dados existentes no Estado. Com esse material reunido e tabulado, os dados ficarão disponíveis e auxiliarão o estudo de pesquisadores que trabalham com espécies vegetais conhecidas como *sarandi*.

1.3. Objetivos

- Realizar uma revisão bibliográfica sobre morfologia e levantamento das ocorrências de espécies vegetais conhecidas popularmente como *sarandi* no estado do Rio Grande do Sul;
- Reunir e tabular dados existentes referentes às espécies denominadas de *sarandi* no Estado;
- Montar uma chave de identificação ou chave dicotômica, para as espécies encontradas, com o objetivo de facilitar o estudo para futuros pesquisadores.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Foram realizados levantamentos bibliográficos das espécies conhecidas popularmente como *sarandi*, visando à ocorrência destas no estado do Rio Grande do Sul.

Foram realizados também, levantamentos em literaturas específicas sobre os dados morfológicos e fenológicos de cada espécie denominada popularmente de *sarandi* com ocorrência no Estado.

Uma chave de identificação foi montada com base na revisão bibliográfica, com o objetivo de facilitar a identificação das espécies de *sarandi* encontradas, visando possibilitar o estudo dos futuros pesquisadores.

As chaves de identificação são feitas com conjuntos de caracteres morfológicos das plantas. Não é objetivo das chaves dicotômicas incluírem todas as espécies existentes, mas apenas um grupo restrito (INFOPÉDIA, 2010), como, por exemplo, as espécies que se podem encontrar numa determinada região no estado do Rio Grande do Sul (CIÊNCIA VIVA, 2010).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontradas onze espécies das famílias *Combretaceae*, *Euphorbiaceae*, *Fabaceae*, *Rubiaceae* e *Sapotaceae*, sendo que sete espécies são arbustos e quatro são árvores (tabela 1).

TABELA 1: Lista das espécies vegetais conhecidas como *sarandi*, no Estado do Rio Grande do Sul – Brasil.

Família	Espécie	Forma biológica	Folhas	Nome Popular
<i>Combretaceae</i>	<i>Terminalia australis</i> Cambess.	Árvore	Simples	<i>Sarandi</i> - amarelo.
<i>Euphorbiaceae</i>	<i>Colliguaja brasiliensis</i> Klotzsch ex Baill.	Arbusto	Simples	<i>Sarandi</i> .
	<i>Phyllanthus emblica</i> L.	Árvore	Compostas	<i>Sarandi</i> , Emblica, Mirabolán, Fruto - de - málica.
	<i>Phyllanthus sellowianus</i> (Klotzsch) Müll. Arg.	Arbusto	Simples	<i>Sarandi</i> – branco.
	<i>Sebastiania commersoniana</i>	Árvore	Simples	<i>Sarandi</i> , Branquilha, Branquinho, Branquio.
	<i>Sebastiania schottiana</i> (Müll. Arg.) Müll. Arg.	Arbusto	Simples	<i>Sarandi</i> - de - espinhos, <i>Sarandi</i> – vermelho, Saranduba.
<i>Fabaceae</i>	<i>Calliandra brevipes</i> Benth.	Arbusto	Compostas	<i>Sarandi</i> , Angico – de - banhado, Cabelo – de - anjo, Quebra – foice – de - flor – rosa.

TABELA 1: Continuação

<i>Fabaceae</i>	<i>Calliandra tweedii</i> Benth.	Arbusto	Compostas	<i>Sarandi</i> , Quebra – foice – de – flor – vermelha, Topete – de – cardeal, Mandaravê, Pelego – de – velha, Diadema.
	<i>Sesbania virgata</i> (Cav.) Pers.	Arbusto	Compostas	<i>Sarandi</i> , Angiquinho – grande, Sesbânia, Angiquinho – gigante.
<i>Rubiaceae</i>	<i>Cephalanthus glabrathus</i> K. Schum	Arbusto	Simples	<i>Sarandi</i> - colorado, Sarã, <i>Sarandi</i> – mole, <i>Sarandi</i> - de - vela.
<i>Sapotaceae</i>	<i>Pouteria salicifolia</i> (Spreng.) Radlk.	Árvore	Simples	<i>Sarandi</i> - mata - olho.

Como resultado, foi elaborada uma chave de identificação para as espécies vegetais conhecidas como *sarandi*, presentes no Estado do Rio Grande do Sul. A chave foi montada através de características morfológicas dessas plantas.

CHAVE DE IDENTIFICAÇÃO PARA ESPÉCIES VEGETAIS CONHECIDAS COMO *SARANDI* NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - BRASIL

- A. Folhas compostas.....**B**
- B.** Inflorescência tipo cálice.....*Sesbania virgata*
- BB.** Inflorescências tipo pompom.....**C**
- C.** Inflorescência tipo pompom de cor rosa.....*Calliandra brevipes*
- CC.** Inflorescência tipo pompom de cor vermelha.....*Calliandra tweedii*
- D.** Inflorescência tipo espiga.....**E**
- E.** Inflorescência tipo espiga fixadas nas axilas das folhas de cor amarelo-esverdeada.....*Phyllanthus emblica*

AA. Folhas simples.....**F**

F. Porte arbóreo.....**G**

G. Ramos espinescentes, pouco flexíveis e pouco ramificados; inflorescências tipo espigas terminais com flores masculinas e femininas de cor amarelo-esverdeada.....***Sebastiania commersoniana***

GG. Ramos não espinescentes.....**H**

H. Ramos glabros terminais, alongados e flexíveis; inflorescências tipo cacho com flores unissexuais brancas.....***Terminalia australis***

HH. Ramos aveludados, inflorescências em fascículos axilares; flores hermafroditas; branco-amarelada.....***Pouteria salicifolia***

FF. Porte arbustivo.....**I**

I. Ramos espinhentos, quase pretos, eretos, inflorescências terminais tipo espigas, flores em inflorescências axilares, unissexuais, pequenas; de cor amarela.....***Sebastiania schottiana***

II. Ramos eretos ou ascendentes, não ascendentes.....**J**

J. Ramos angulados, divididos ou sinuosos; inflorescências axilares, unissexuais, pequenas de cor branco-esverdeadas.....***Phyllanthus sellowianus***

JJ. Ramos cilíndricos ; inflorescências, unissexuais de cor branca, com numerosos estames.....***Cephalanthus glabrathus***

* A espécie *Colliguaja brasiliensis* não consta na chave por insuficiência de dados nas literaturas pesquisadas.

Abaixo estão descritas as espécies vegetais conhecidas como *sarandi*, encontradas no estado do Rio Grande do Sul, com base nas pesquisas em literaturas específicas:

- Sarandi - amarelo

Nome científico: *Terminalia australis* Cambess.

Espécie arbórea pertencente à família *Combretaceae*, a qual ocorre principalmente às margens de cursos d'água, habita as bacias do Rio Paraná e do Rio Uruguai em torno da Mesopotâmia Argentina, Paraguai e Uruguai e parte do Rio de La Plata constituindo-se um elemento importante para a reposição da mata ciliar em áreas onde a mesma foi degradada. O

nome comum desta árvore é devido à cor amarelo-ocre das suas madeiras. Sua madeira tem textura fina, homogênea, e moderadamente pesada. É usada para obras ornamentais e de precisão, como as peças do xadrez, governantes, botões.

Descrição botânica: Árvore decidual, pequena, com até 10m de altura e com fuste de até 30cm de diâmetro. A casca é fina, cinzenta e um pouco fissurada. Folhas simples, alternas, geralmente agrupadas nas extremidades dos ramos, linear-lanceoladas e, quando jovens, pilosas (figura 3), atingem cerca de 7cm de comprimento por 1cm de largura. Possui inflorescências axilares do tipo cacho com longo eixo (figura 2). Flores unissexuais de cor branca com aproximadamente 5mm de diâmetro. Fruto samaróide com semente de até 3cm de comprimento por 2cm de largura. A semente é dispersada pela água, com boa regeneração natural (CARVALHO, 2008).

Fenologia: A floração ocorre na primavera (outubro - novembro) e a frutificação ocorre no verão (dezembro - março).



FIGURA 2: Inflorescências de *Terminalia australis*.
Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.



FIGURA 3: Folhas de *Terminalia australis*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.

- Sarandi

Nome Científico: *Colliguaja brasiliensis* Klotzsch ex Baill.

Espécie arbustiva pertencente à família *Euphorbiaceae*, de até 5m de altura. É nativa do Rio Grande do Sul.

Descrição botânica: Possui folhas simples, inteiras, verticiladas. Possui inflorescências do tipo espiga (figura 4).

Fenologia: A floração ocorre de setembro a abril (BACKES & NARDINO, 2003).



FIGURA 4: Inflorescência de *Colliguaja brasiliensis*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.

- *Sarandi*, *Emblica*, *Mirabolán*, *Fruto - de - málica*

Nome Científico: *Phyllanthus emblica* L.

Espécie arbórea pertencente à família *Euphorbiaceae*, é originária da Malásia, esta espécie é conhecida por seus frutos comestíveis de sabor ácido.

É uma árvore utilizada na medicina popular para tratar a constipação e melhorar a digestão, também é utilizada como cosmético para alisar os cabelos (WIKIPÉDIA, 2010).

Descrição botânica: Árvore perenifólia, de 7-10m de altura, de tronco com casca parda, clara. Possui ramagem longa formando copa densa e achatada (LORENZI *et al*, 2003). Suas folhas são simples, opostas, pequenas, linear-elípticas, muito numerosas de cor verde-claras. Flores pequenas, reunidas em inflorescências de cor amarelo-esverdeadas (figura 5). Os frutos são arredondados, do tipo drupa, verde-amarelados, suculentos (figura 6).

Fenologia: A floração ocorre quase o ano todo. A frutificação ocorre no outono.



FIGURA 5: Inflorescências de *Phyllanthus emblica*.

Fonte: Wikipédia.



FIGURA 6: Fruto de *Phyllanthus emblica*.

Fonte: Wikipédia.

- *Sarandi* - branco

Nome científico: *Phyllanthus sellowianus* (Klotzsch) Müll. Arg.

Espécie de macrófita aquática, anfíbia ou emergente em margens de rios e lagos, pertencente à família Euphorbiaceae, tem ampla distribuição na América do Sul e é utilizada na medicina popular como um agente hipoglicemiante e diurético.

Descrição botânica: arbusto de 1,5 - 3m de altura. Os ramos superiores são delgados e flexíveis. Folhas caducas, simples, alternas, elíptico-lanceoladas de borda íntegra as vezes contornadas de vermelho (figura 7), de 1,5 - 5cm de largura. Flores em inflorescências axilares, unissexuais, pequenas (figura 8). Fruto do tipo cápsula de 2,5mm de diâmetro, esféricas, pardas, deiscentes.

Fenologia: A floração ocorre na primavera e a frutificação ocorre no verão.



FIGURA 7: Folhas de *Phyllanthus sellowianus*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.



FIGURA 8: Inflorescências de *Phyllanthus sellowianus*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.

- **Sarandi, Branquilha, Branquinho, Branquio**

Nome Científico: *Sebastiania commersoniana*.

Espécie arbórea pertencente à família Euphorbiaceae. Ocorre geralmente em agrupamentos, chegando a formar populações quase puras. Trata-se, portanto de uma planta que se desenvolve em ambientes abertos e beira de capões de lugares úmidos e até brejosos. A madeira pode ser empregada para caibros, cabos de ferramentas, lenha e carvão. A árvore apresenta características ornamentais, principalmente pela coloração azulada de sua folhagem, podendo pelo seu pequeno porte, ser empregada na arborização urbana. É muito indicada para a composição de reflorestamentos mistos destinados à recomposição de áreas degradadas ao longo das margens de rios e reservatórios, tendo preferência por solos úmidos e brejosos. As flores são melíferas (LORENZI, 2008).

Descrição botânica: Árvore espinhenta, de 5 - 12m de altura. As folhas são alternas, dotadas de estípulas, simples, elípticas, coriáceas, glabras, com a face inferior pubescente e com nervuras primárias proeminentes. As flores são de coloração amarelo-esverdeada, em inflorescências terminais e axilares (figura 10). Os frutos são cápsulas tricocas que quando maduras ficam negras (figura 9).

Fenologia: Florescem quase o ano inteiro, porém com maior intensidade na primavera (setembro - novembro). Os frutos amadurecem no verão (janeiro até meados de abril).



FIGURA 9: Frutos de *Sebastiania commersoniana*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.



FIGURA 10: Inflorescência de *Sebastiania commersoniana*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.

- Sarandi - de - espinhos, Sarandi – vermelho, Saranduba

Nome Científico: *Sebastiania schottiana* (Müll. Arg.) Müll. Arg.

Espécie arbustiva pertencente à família Euphorbiaceae. Esta cresce às margens de rios junto à correnteza, sendo um importante elemento da mata ciliar, com ampla distribuição na América do Sul. É utilizada na medicina popular como diurético.

Descrição botânica: Arbusto de 1,5 – 3 m de altura. Os ramos superiores são delgados e flexíveis. As folhas caducas, simples, alternas, elíptico-lanceoladas de bordas íntegras às vezes contornadas de vermelho (figura 11), de 1,5 – 5 cm de largura. Flores em inflorescências axilares, unissexuais, pequenas. Os frutos são do tipo cápsula (figura 12) de 2,5 mm de diâmetro, esféricas, pardas, deiscentes (SOBRAL *et al*, 2006).

Fenologia: A floração ocorre na primavera e a frutificação no verão.



FIGURA 11: Folhas de *Sebastiania schottiana*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.



FIGURA 12: Frutos de *Sebastiania schottiana*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.

- **Sarandi, Angico – de - banhado, Cabelo – de – anjo, Quebra – foice – de – flor – rosa**

Nome Científico: *Calliandra brevipes* Benth.

Espécie arbustiva pertencente à família *Fabaceae*, é uma espécie nativa da América do Sul, mais especificamente do Brasil, Uruguai e norte da Argentina. Habita naturalmente locais úmidos e margens de rios (figura 13), suportando a força das enchentes (WIKIPÉDIA, 2010). Pode ser utilizada como planta ornamental e como cerca-viva.

Descrição botânica: Possui folhas alternas, bipinadas de dimensões diminutas (WIKIPÉDIA, 2010). As flores são pequenas, numerosas, reunidas em capítulos densos, com estames cor-de-rosa (LORENZI & SOUZA, 2008). A aparência da inflorescência é de um pompom (figura 14). É arbusto glabro e muito ramificado.

Fenologia: A floração ocorre durante a primavera-verão. A frutificação ocorre na primavera-verão.



FIGURA 13: *Calliandra brevipes* no seu habitat natural.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.



FIGURA 14: Inflorescência de *Calliandra brevipes*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.

- **Sarandi, Quebra – foice – de – flor – vermelha, Topete – de – cardeal, Mandaravê, Pelego – de – velha, Diadema**

Nome Científico: *Calliandra tweedii* Benth.

Espécie arbustiva pertencente à família *Fabaceae*, esta espécie tem preferência por locais úmidos. É adequada para plantio isolado, formando moita densa, junto à grades e cercas ou em renques, a pleno sol (LORENZI & SOUZA, 2008).

Descrição botânica: Possui folhas permanentes, bipinadas, finamente divididas, com ramagem delgada, ornamental. Possui flores pequenas, reunidas em capítulos densos, com estames numerosos, longos, de cor vermelha (figura 15).

Fenologia: A floração ocorre durante a primavera verão. A frutificação ocorre no verão.



FIGURA 15: Inflorescência de *Calliandra tweedii*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.

- *Sarandi*, Angiquinho – grande, *Sesbânia*, Angiquinho – gigante.

Nome Científico: *Sesbania virgata* (Cav.) Pers.

Espécie arbustiva pertencente à família *Fabaceae*, é uma planta infestante de áreas úmidas e alagadas, incluindo lavouras de arroz irrigado e pastagem. É nativa da parte sul do Continente Americano.

Descrição botânica: Planta perene, ereta, muito ramificada (figura 16), com vagem tretágona. Possui inflorescências em forma de cálice. Suas sementes flutuam na água e assim são disseminadas a longa distância (LORENZI, 2008).

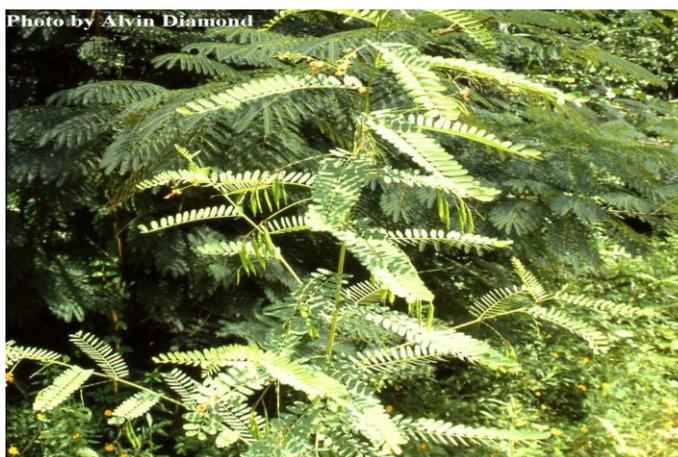


FIGURA 16: Arbusto de *Sesbania virgata*.

Fonte: Foro de Infojardín.

- *Sarandi* - colorado, *Sarandi* - de - vela, Sarã, *Sarandi* – mole

Nome Científico: *Cephalanthus glabrathus* K. Schum.

Espécie arbustiva, pertencente à família Rubiaceae, são endêmicas do sul da América do Sul, principalmente no sul do Brasil, é utilizada na medicina popular.

Descrição botânica: arbusto baixo, de até 2m. Possui folhas caducas de cor verde escura, simples, alternas, ovado-lanceoladas, com ápice agudo, base cuneada (figura 18) e pecíolo de 5 mm. Flores pequenas em inflorescências, de cor branca, com numerosos estames. Fruto seco, indeiscente de cor marrom escuro (figura 17) quando maduro.

Fenologia: A floração ocorre na primavera, verão e outono. A frutificação ocorre no verão.



FIGURA 17: Infrutescências de *Cephalanthus glabrathus*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.



FIGURA 18: Folha de *Cephalanthus glabrathus*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.

- Sarandi - mata - olho

Nome Científico: *Pouteria salicifolia* (Spreng.) Radlk.

Espécie arbórea pertencente à família Sapotaceae. Ocorre desde o Rio de Janeiro até a Argentina e cresce principalmente às margens de cursos d'água. É usada como lenha, o nome “mata - olho” é devido a fumaça que é expelida na queima de sua lenha e causa irritação nos olhos. É importante fixadora de barrancos, pois habita margens de corpos aquáticos como lagos, rios e riachos (BACKES & IRGANG, 2002).

Descrição botânica: Pequena árvore de até 12m de altura, casca acinzentada. As folhas são linear - lanceoladas, duras e brilhantes (figura 19), de até 19cm de comprimento por até 2,5cm de largura. Inflorescências em fascículos axilares, flores tetrâmeras, perfumadas, hermafroditas (figura 20). Fruto do tipo drupa, com ponta em rostro, ovóide, de até 6cm de comprimento por até 2cm de largura.

Fenologia: A floração ocorre de outubro à novembro e a frutificação ocorre de março à abril.



FIGURA 19: Folhas de *Pouteria salicifolia*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.



FIGURA 20: Inflorescências de *Pouteria salicifolia*.

Fonte: Flora Digital do Rio Grande do Sul.

4. CONCLUSÃO

O levantamento bibliográfico registrou onze espécies de cinco famílias botânicas *Combretaceae*, *Euphorbiaceae*, *Fabaceae*, *Rubiaceae* e *Sapotaceae*, conhecidas popularmente como *sarandi* no estado do Rio Grande do Sul.

Os dados registrados estão reunidos, tabulados e disponíveis para a consulta de futuros pesquisadores e população em geral.

A chave de identificação proposta neste trabalho possibilita a identificação de dez espécies, são elas: *Terminalia australis*, *Phyllanthus emblica*, *Phyllanthus sellowianus*, *Sebastiania commersoniana*, *Sebastiania schottiana*, *Calliandra brevipes*, *Calliandra tweedii*, *Sesbania virgata*, *Cephalanthus glabrathus* e *Pouteria salicifolia*.

Somente a espécie *Coliiguaja brasiliensis* não consta na chave por insuficiência de dados morfológicos nas literaturas pesquisadas.

Com este trabalho, conclui-se então, que essa confusão de nomes ocorre devido à cultura e à falta de informação correta por parte da população, abrindo assim um leque para que estas se conscientizem e possam ir à busca de dados fidedignos, pois algumas espécies são utilizadas na medicina popular, podendo assim diferenciarem corretamente as espécies que buscam.

5. REFERÊNCIAS

BACKES, A. & NARDINO, M. – **Árvores, arbustos e algumas lianas nativas no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS. 2 ed., 2003. 212p.

BACKES, P. & IRGANG, B. E. – **Árvores do Sul. Guia de Identificação e Interesse Ecológico**. Santa Cruz do Sul: Inst. Souza Cruz, 2002. 326p.

CARVALHO, P. E. R. – **Espécies arbóreas brasileiras**. Brasília, DF: EMBRAPA. Informação Tecnológica: Colombo, PR: EMBRAPA Florestas, vol. 3, 2008. 1039p.

CIÊNCIA VIVA. **Prensa de Secagem de Plantas**. Disponível em: <<http://www.cienciaviva.pt/projectos/pulsar/herbario.asp>>. Acesso em: 24 mai. 2010.

FORO DE INFOJARDÍN. **Flora Autoctona de la Argentina**. Disponível em: <<http://www.infojardin.com/foro/printthread.php?t=29585&page=12&pp=40>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

INFOPÉDIA. **Chave Dicotômica**. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$chave-dicotomica](http://www.infopedia.pt/$chave-dicotomica)>. Acesso em: 24 mai. 2010.

IRGANG, B. E. & GASTAL JUNIOR, C. V. S. – **Macrófitas Aquáticas da Planície Costeira do RS**. Porto Alegre: Edição dos autores, 1996. 290p.

LEITE, P.F. & KLEIN, R.M. – **Vegetação. In Geografia do Brasil: Região Sul**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, v. 2, 1990. 419p.

LORENZI, H. - **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. vol. 1, 5 ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008. 355p.

LORENZI, H. – **Plantas Daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas**. 4 ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008. 640p.

LORENZI, H. & SOUZA, H. M. de. – **Plantas Ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 4 ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008. 1088p.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M. de.; TORRES, M. A. V.; BACHER, L. B. – **Árvores exóticas no Brasil: madeireiras, ornamentais e aromáticas**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2003. 368p.

RAMBO, B. – **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. 2 ed. Selbach, Porto Alegre, 1956. 473p.
REITZ, R. & KLEIN, R.M. – **Araucariaceae**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1966. 29p.

SOBRAL, M.; JARENKOW, J. A.; BRACK, P.; IRGANG, B.; LAROCCA, J.;
RODRIGUES, R. S. – **Flora arbórea e arborescente do Rio Grande do Sul, Brasil**. São Carlos: RiMa: Novo Ambiente, 2006. 350p.

SUDESUL. Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul - **Vegetação Atual da Região Sul**. Porto Alegre, 1978. 115 p.

TARCÍSIO, F. **Conhecendo a Madeira - Nome vulgar e nome científico**. Disponível em:
<<http://www.conhecendoamadeira.com/articles/90/1/Nome-vulgar-e-nome-cientifico/Page1.html>>. Acesso: 25 mar. 2009.

TODA BIOLOGIA. **Nomes Científicos de Árvores**. Disponível em:
<http://www.todabiologia.com/botanica/nomes_arvores.htm>. Acesso em: 12 jul. 2009.

TURISMO REGIONAL. **Sarandi – Etimologia**. Disponível em:
<<http://www.turismoregional.com.br/?action=vale-das-aguas/sarandi>>. Acesso em: 13 jun. 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Vegetação**. Disponível em:
<<http://coralx.ufsm.br/ifcrs/vegetacao.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Flora Digital do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/fitoecologia/florars/index.php>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

VELOSO, H.P. & GÓES-FILHO, L. - **Fitogeografia brasileira - classificação fisionômico-ecológica da vegetação neotropical**. Boletim Técnico do Projeto RADAMBRASIL, Série Vegetação, 1982. 80p.

WIKIPÉDIA - **Calliandra brevipes**. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Calliandra_brevipes>. Acesso em: 09 dez. 2010.

WIKIPÉDIA – *Phyllanthus emblica*. Disponível em:
<http://en.wikipedia.org/wiki/Phyllanthus_emblica>. Acesso em: 09 dez. 2010.